

Perfis Literários: Viver com arte¹

Elaine MOREIRA²

Sônia Regina da SILVA³

Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

RESUMO

Os perfis contam a história de sete pessoas ligadas às sete artes (cinema, teatro, literatura, arquitetura, pintura, escultura e música) do Alto Vale do Itajaí, se utilizando da linguagem do jornalismo literário e pautado no jornalismo cultural. Os artistas falam de vivências próprias e do cenário cultural que enfrentam no dia a dia, passando por aprendizagem, importância da arte em questão e da formação do artista.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Cultura; Artistas; Jornalismo;

1 INTRODUÇÃO

Entende-se por cultura: ações, costumes, tradições de um povo. É uma forma de expressão, de entretenimento. Um modo de vida passado de pai para filho.

Para mostrar um pouco do cenário cultural do Alto Vale do Itajaí este presente Trabalho criou, dentro do suporte Grande Reportagem Impressa, Perfis Jornalísticos de pessoas que fazem a arte local.

A proposta é narrar histórias de vida de “artistas”, sua paixão pela arte e a forma como ela se propaga. Falar de pessoas “normais” que trabalham, têm rotinas comuns e diferentes conforme toda profissão.

Foram selecionadas sete pessoas que representam Sete Artes para que contem como é viver da arte. Estes perfis trazem características do Jornalismo Cultural e Literário e demonstram sua possível aplicação nos veículos midiáticos.

2 OBJETIVO

Produzir relatos sobre pessoas do Alto Vale ligadas as sete artes, no gênero Perfil, utilizando o Jornalismo Literário na elaboração dos textos; identificar as formas de cultura presentes na região; valorizar sete artistas regionais que têm a arte como profissão; entender como alguns artistas da região vivem e saber quais são as principais dificuldades

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade: Produção em jornalismo interpretativo – Dossiê, Análise, Cronologia, Perfil, Enquete (avulso apresentado em qualquer suporte)

² Aluno líder do grupo e recém-graduado no curso de Jornalismo Curso, email: elainemoreira17@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: sore@unidavi.edu.br.

fora “dos palcos”; apresentar o gênero Perfil como uma modalidade válida e atrativa para os suportes midiáticos; explorar a linguagem do Jornalismo Literário para fugir da narrativa básica e padronizada.

3 JUSTIFICATIVA

Vivemos uma realidade em que o Jornalismo Cultural se resume a um pequeno espaço nos veículos de comunicação, com comentários a respeito do que está em cartaz no cinema ou do que está para acontecer no fim de semana.

O atrelamento à agenda por parte da mídia tem feito com que não se busque pelo novo, pelas “pautas frias” - aquelas que não precisam sair na próxima edição, mas que podem sim sair em alguma publicação. A busca pelo *Hard News* - chamadas “notícias quentes”, factuais, tem feito com que se esqueça do profissional da cultura.

Por tanto pretende-se mostrar como é a vida “fora dos palcos”, uma vez que as obras são extensões da bagagem buscada, adquirida e vivida. É preciso conhecer a arte para compreendê-la melhor e por consequência saber apreciá-la. A intenção desse Trabalho é a possibilidade de aproximar o artista da sociedade, para que esta o veja como um profissional que pode “render” boas pautas.

Uma vez que o Perfil busca fazer uma descrição da pessoa em questão, justifica-se o uso da linguagem literária para dar mais profundidade à fonte e para que os leitores possam reconhecer o personagem como pessoa única que é.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Pesquisa Bibliográfica e de Campo

A metodologia aplicada à presente pesquisa se deu através de entrevistas com fontes selecionadas previamente e obedecendo critérios de escolha tais como atividade ocupacional e dedicação a determinado tipo de arte. Ao todo foram sete fontes, cada uma relacionada a um tipo diferente de arte. As chamadas “Sete Artes” são para Piza (2004, p. 41), “literatura, teatro, pintura, escultura, música, arquitetura e cinema”.

Reduzir o espaço dos cadernos culturais nos jornais diários tem sido prática constante a muito tempo, conforme relata Pena:

Na década de 1950, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, a mudança já está consolidada. A objetividade e a concisão substituem as belas narrativas. A preocupação com a novidade e os fait divers assume a função principal na pauta. A Literatura é apenas um suplemento. (PENA, 2008, p. 40)

Para Piza (2004, p. 7), a ausência dos assuntos culturais trata-se “[...] mais que uma perda de espaço, trata-se de uma perda de consistência e ousadia e, como causa e efeito uma perda de influência”. Para tanto, as informações que deveriam ser repassadas à população de modo à instruí-la e torná-la apta e interessada em discutir assuntos referentes à cultura têm sido postas de lado.

Mesmo para os conceitos mais básicos de notícia, os assuntos que permeiam a cultura não deixam de ter valor. Além disso, a prática do jornalismo superficial torna-se um vício. Mas ainda assim, a prática dessa modalidade do Jornalismo não tem sido de todo esquecida, nem caído em desuso:

“[...] as seções culturais dos grandes jornais continuam entre as páginas mais lidas e queridas e, como venho notando no dia-a-dia do meu trabalho e nos seminários a que compareço, o jornalismo cultural, vem ganhando mais e mais status entre os jovens que pretendem seguir profissão.” (PIZA, 2004, p. 7)

Ainda segundo Piza (2004), os jornalistas tentaram assemelhar a editoria de cultura às outras, acarretando grande prejuízo para o Jornalismo Cultural, mas com menor impacto sobre as demais, que são de fato regidas pelo factual. O mesmo não se dá na página de cultura, já que é preciso tempo para construir um Perfil, por exemplo:

“Um gênero interessante de reportagem interpretativa é o perfil. Não se deve abusar dele, até porque exige bastante espaço (pelo menos, digamos, uma página standard de jornal). Mas pode ser leitura saborosa quando consegue contar passagens relevantes da vida e carreira do entrevistado, colher opiniões em assuntos importantes [...]” (PIZA, 2004, p. 84)

No entanto, se o assunto a ser tratado não for tão comum, como é, neste caso, o perfil de Gilberto dos Santos pelo tema Arquitetura, Neiva (2000, p. 27) recomenda “se o nível de conhecimento do leitor sobre o assunto é baixo, é aconselhável que o texto se desenvolva em ritmo mais lento, com frases mais curtas, e até com alguma repetição aqui e ali.”

Porém, a “guerra” por espaço nas páginas dos jornais diários é desfavorável ao formato Perfil. Além disso, quando se trata de assuntos culturais, deve-se tomar o cuidado de contextualizar a obra sem torná-la maçante ou específica demais. Relacionar o artista com as obras a que teve acesso e que o inspiram é diferente de jogar sua imagem em um emaranhado de nomes de obras, autores e datas. Para Piza há três “males” que merecem destaque:

“O primeiro é o excessivo atrelamento à agenda [...] e, com isso, um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e grifes. O segundo mal é o tamanho e a qualidade dos textos, especialmente desses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos press-releases [...]. E o terceiro é a marginalização da crítica, sempre secundária a esses ‘anúncios’, com poucas linhas e pouco destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado [...]”. (PIZA, 2004, p. 62)

A cultura não precisa ser regida pela agenda. Ela pode se destacar pela inovação, pelo *feeling* jornalístico. Volta-se pela questão do tempo, a falta dele, que torna os assuntos cada vez mais superficiais. Pegar a pauta pronta, com data marcada e fonte oficial, acaba por ser muito mais prático. No entanto, não contribui para que o leitor se interesse ou discuta o fato. Assim acaba-se entre “o que está para acontecer” e “como foi o evento”.

E de fato os leitores estão desacostumados com textos mais longos. Não faz parte de sua rotina ler uma página inteira de jornal sobre o mesmo assunto, uma vez que nas outras editorias as informações, tidas como relevantes, estão condensadas nos primeiros parágrafos. Trata-se da técnica da Pirâmide Invertida explicada por Squarisi e Salvador na obra “A arte de Escrever Bem”:

A técnica estreou em 1861 no jornal The New York Times, como forma de dar objetividade ao relato de um acontecimento. Consiste em pôr as informações mais importantes no primeiro parágrafo, respondendo “o que? quem? quando? onde? como? por que?” (SQUARISI; SALVADOR, 2004, p. 15)

De acordo com Lima (2004, p. 51), em Páginas Ampliadas, o Perfil possui duas modalidades:

Trata-se de uma obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo,

torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olímpica. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão.

No caso desse Trabalho as duas categorias acabam por se misturar. Uma vez que os artistas foram escolhidos para representar os demais dedicados a sua área, levando-se em consideração o fato de que vivem dessa prática. Também não são de todo desconhecidos.

Quanto aos critérios para escolha das fontes, optou-se pelas que conseguem viver da arte, por se tratar de pessoas que não a tem apenas como forma de lazer. Todos declararam não saber viver sem expressá-la. Com ou sem dinheiro, não trabalhariam com outra coisa. Goulart afirma que “seria mais difícil”, mas que ainda assim encontraria uma forma.

Outro fator observado foi a questão comercial. Alguns mais do que outros priorizam os ganhos com sua arte, mesmo sem deixar de amá-la. O escultor Sérgio Canale declara que falta-lhe tempo para fazer peças de criação, que são as mais demoradas e que não têm encomenda. Mas até mesmo essas são feitas com a ideia fixa de que alguém vai comprá-la. Para Canale, “a inspiração é coisa de quem não precisa vender, uma vez que aguardá-la demanda tempo”. Já para Gilberto da Silva, o tempo de criação para todas as artes, exceto para a sua, é primordial.

Quanto a capitalização da arte Piza (2004, p. 44) se manifesta citando outro autor “Benjamim esboçaria uma teoria, em ‘A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica’, de que a arte em tempos industriais perdeu sua “aura”, tornando-se um produto para consumo, para consolo instantâneo, não mais para reflexão ou perturbação.”

É preciso também diferenciar Jornalismo Cultural do Jornalismo Literário. Na obra de Piza (2004) Jornalismo Cultural - onde retrata a origem do gênero, é possível perceber que a modalidade é voltada não apenas às matérias cujo tema seja cultura, mas também a resenhas e críticas das obras de grandes autores, Piza (2004, p. 28) ainda declara “A crítica, claro, continua a ser a espinha dorsal do jornalismo cultural, não só das revistas”. O autor ressalta ainda que:

O fundamental no jornalismo cultural é que saiba ao mesmo tempo convidar e provocar o leitor, notando ainda que essas duas ações não raro se tornam a mesma: o leitor se sente provocado por uma opinião diferente (no conteúdo ou

mesmo na formulação) está também sendo convidado a conhecer um repertório novo, a ganhar informação e reflexão sobre um assunto que tendia a encerra de outra forma. (PIZA, 2004, p. 68)

Portanto, pode-se ver que o Jornalismo Cultural vai além da retratação, quer instigar o debate. Já Felipe Pena (2008) na obra *Jornalismo Literário*, explica o formato Novo Jornalismo - que tem como um de seus precursores Tom Wolfe, nos anos 1960, dá a entender que o Literário tem mais a ver com a linguagem da reportagem do que com a análise de uma obra. Para escrever neste gênero ele indica:

Apesar do já citado manifesto, escrito em 1973, o próprio Wolfe admite que o movimento se organizou movido muito mais pelo instinto do que em torno de uma teoria. Mesmo assim, ele deixou registrados quatro recursos básicos do Novo Jornalismo: 1 - Reconstruir a história cena a cena. 2 - Registrar diálogos completos. 3 - Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens. 4 - Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. (PENA, 2008, p. 54)

Já Wolfe (2005, p. 26) relata em “Radical Chique” os hábitos necessários a um jornalista literário “Breslin tornou uma prática sua chegar ao local muito antes do evento principal, a fim de coletar material por trás das câmeras, o jogo da sala de maquiagem, que lhe permitia criar personagens.” Entende-se, portanto que por mais que o Jornalismo Literário também busque instigar o leitor, ele se aplica à reportagem e não às críticas de outros autores.

A cultura é abrangente. No livro “Fundação Cultural de Rio do Sul”, Sieverdt (citado por, DAGNONI, 2010, p. 156) “Cultura é o conjunto de valores, comportamentos e conhecimentos que aproximam o indivíduo de determinados grupos, ao passo que o distingue dos demais”. Já para Areco (citado por, DAGNONI, 2010, p. 106):

“[...] Cultura é o conjunto das manifestações de saberes dos seres humanos. Incluem-se aí todos os valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente por uma sociedade. [...] toda a evolução de um grupo social depende do esforço coletivo em aprimorar os seus valores. O respeito à diversidade cultural é essencial ao desenvolvimento da democracia.”

O cineasta Gabriel Garcia declara que o artista precisa se posicionar e se utilizar de sua arte para mostrar esse posicionamento. Por isso, é importante saber o que se quer de um vídeo. Pena também acredita no posicionamento do artista e é enfático:

Guardadas as devidas diferenças de estilo e procedência, todos fazem parte de uma geração cujo engajamento em questões sociais é condição essencial para o exercício da profissão. Mais do que jornalistas, eles são ativistas. Como um velho e bom espírito utópico, querem mudar o mundo, sim senhor. Mas quem não quer?! (PENA, 2008, p. 61)

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A atriz e professora Sidinéia Koop, em entrevista para a elaboração do Perfil Jornalístico desde Trabalho, afirma que a arte tem muitas coisas por traz da expressão. “É um despertar de criatividade e sensibilidade e se expressa no corpo, na voz, no texto que não é falado, que é expresso através dos movimentos e é nisso que a arte vem contribuir na educação, na expressão corporal e oral”.

Dentre os sete entrevistados, cinco encontraram na área educacional uma alternativa para serem artistas em tempo integral. A atriz, Sidinéia Koop começou a dar aulas para pagar a faculdade de Artes Cênicas; o cineasta Gabriel Garcia, começou a lecionar, para ter estabilidade financeira e instigar pessoas a pensar em Cinema; o escritor Carlos Shroeder vive entre cursos e oficinas de contos; o pintor Luis Carlos Vigarani começou a vida como pintor profissional em sala de aula na Fundação Cultural de Rio do Sul e o músico Cristiano Goulart, encontrou nas aulas de violão e guitarra uma forma de se dedicar somente ao instrumento.

Nem Garcia, nem Sidinéia, esperam que seus alunos sejam cineastas ou atores. Suas pretensões quanto às aulas são de que aprendam a fomentar discussões e a olhar para as vertentes artísticas com mais profundidade, que sejam mais culturais. Mesmo com toda falta de incentivo, tanto para os artistas quanto para os repórteres, Piza declara:

Quero deixar bem claro que, pela minha experiência e também pelas estatísticas, há um contingente sólido, respeitável, de leitores interessados em jornalismo cultural de qualidade; e que sempre há espaço, a ser criado e recriado com persistência, para quem se dispuser a produzi-lo. (PIZA, 2004, p. 9)

O desafio sempre foi portanto, aproximar a arte, sempre vista tão distante, tão desinteressante de ser debatida, principalmente entre a juventude da massa. Por isso, a utilização da linguagem do Jornalismo Literário no desenvolvimento dos textos para torná-los mais agradáveis, contribui para o interesse do público e ainda desmistifica a imagem do artista, por vezes mal compreendido.

Mas como definir Jornalismo Literário? Piza (2004, p. 23) o declara “[...] que não é jornalismo sobre literatura, mas com recursos da literatura (descrições detalhadas, muitos diálogos etc.).”

Já para Pena:

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2008, p. 21)

A autora do presente Trabalho, optou por escrever para cada tipo de arte um pequeno conto, no intuito de fazer um pouco de literatura em meio as artes com que trabalhou. É outra forma de ver as artes.

A entrevista com um personagem a ser perfilado resulta em muito material. São horas de áudio, páginas de anotações e observações. Isso tudo levando em conta ainda a preocupação em deixar o assunto atual e sem data de validade. Segundo Pena:

A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2008, p. 14)

As entrevistas para os Perfis apresentadas nesse Trabalho foram feitas em ambientes de escolha das fontes, uma vez que o gênero busca retratar não apenas a pessoa em si, mas também seu ambiente de trabalho, preferências e particularidades.

6 CONSIDERAÇÕES

A elaboração de sete perfis retratando a vida de personagens inteiramente voltados à cultura provou ser um desafio, devido a complexidade da própria arte em si. No

entanto, foi gratificante foi perceber a possibilidade de fazer cultura juntamente com o Jornalismo, fugindo da padronização de textos e amarras da técnica da pirâmide invertida.

A garimpagem de personagens e tópicos a serem incluídos nos textos; os contatos com as fontes e as entrevistas foram outro aprendizado. A arte sempre foi uma paixão, vista pela autora do presente Trabalho, “algo mágico” e cheio de possibilidades. A mesma paixão e visão foram constatadas durante a Pesquisa de Campo junto aos personagens. Pela arte tudo vale a pena.

Conclui-se, portanto que o Jornalismo Cultural ainda está vivo e pode ser praticado nos veículos de comunicação, enriquecido pelo Jornalismo Literário. Aquele que se preocupa a promover debates a respeito das artes e as formas de disseminá-las, a fim de torná-las mais presentes no dia a dia da população, assim como é necessário fazer Jornalismo Cultural de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANALE, Sérgio. **Como é viver de Escultura na região do Alto Vale**. 10 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Elaine Oliveira Moreira.

DAGNONI, Cátia. **Fundação Cultural de Rio do Sul: interagindo com a comunidade**. Rio do Sul: News Print, 2010.

GARCIA, Gabriel. **Como é viver de Cinema na região do Alto Vale**. 03 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Elaine Oliveira Moreira.

GOULART, Cristiano. **Como é viver de Música na região do Alto Vale**. 11 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Elaine Oliveira Moreira.

KÖPP, Sidinéia. **Como é viver de Teatro na região do Alto Vale**. 11 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Elaine Oliveira Moreira.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

NEIVA, Edméa Garcia. **Redigir & convencer**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: STS, 2000.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**, 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**, 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTOS, Gilberto dos. **Como é viver de Arquitetura na região do Alto Vale.** 14 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Elaine Oliveira Moreira.

SCHROEDER, Carlos Henrique. **Como é viver de Literatura na região do Alto Vale.** 07 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Elaine Oliveira Moreira

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem:** um guia para jornalistas e profissionais do texto. São Paulo: Contexto, 2004.

VIGARANI, Luiz Carlos. **Como é viver de Pintura na região do Alto Vale.** 06 de outubro de 2011. Entrevista concedida a Elaine Oliveira Moreira.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.